CAMILLO CASTELLO BRANCO

Nasceu em Lisboa a 16 de março de 1826 e falleceu em S. Miguel de Seide a 1 de junho de 1890

CHRONICA OCCIDENTAL

E' claro, é evidente que estamos em face de uma verdadeira e terrivel epidemia — a epidemia dos suicidios. É ella que perante os seculos futuros hade caracterisar o fim do seculo XIX.

O mal alastra-se espantosamente, assustadoramente, com uma violencia desusada, não respeitando idades, nem sexos, nem classes nem paizes, e até os cerebros mais bem organisados, os espiritos mais de eleição, que se podiam julgar ao abrigo do contagio, são invadidos pela implacavel e devastadora doença.

Ante hontem foi Julio Cesar Machado, hontem Silva Porto, hoje Camillo Castello Branco. E em cada uma d'estas suas victimas a terrivel enfermidade se apresenta com caracteres mais graves, com symptomas mais alarmantes.

Em Julio Machado o suicidio foi uma allucinação fulminante; em Camillo Castello Branco uma resolução largamente discutida, raciocinada e friamente tomada.

E é por isso que nós, que não somos reaccionarios, commentámos a morte de Camillo com a mesma phrase com que a commentou uma folha clerical do Porto, o jornal *A Palavra*:

— Triste morte!

*
* *

O suicidio de Camillo Castello Branco foi o unico motivo que fez com que a sua morte fosse uma surpreza, de contrario, se essa morte em vez de ser provocada pela bala d'um rewolver, tivesse vindo naturalmente epilogar a doença terrivel que ha tanto tempo minava a existencia do grande escriptor, não surprehenderia pessoa alguma porque de ha muito era esperada por toda a gente, considerada como inevitavel, como muito proxima.

Camillo achou que ella se demorava ainda e foi ao seu encontro, serenamente, reflectidamente, quando no seu espirito se apagou a ultima esperança.

Essa noticia era tão esperada, que vae para dois annos, quando eu estive no Porto, exactamente no dia em que ali cheguei, vindo de Braga, o dia 13 de setembro de 1888, correu em toda a cidade a noticia de ter morrido na Povoa de Varzim Camillo Castello Branco.

E lembro-me muito bem d'esta data, 13 de setembro, porque é a data da morte de Alexandre Herculano, a data da morte de Antonio Rodrigues Sampaio, uma data bem tristemente assignalada nas lettras portuguezas.

A noticia corria com tanta insistencia, que eu querendo mandal-a para Lisboa, fui procurar informações authenticas e então soube que felizmente a noticia não estava confirmada, que não passava d'um d'esses boatos que se levantam não se sabe como nem porque, e que fazem carreira rapida no mundo, com toda a velocidade enorme que é caracteristica das más noticias.

A noticia era falsa, mas o que era verdade, era que o estado do illustre escriptor era gravissimo e peiorava de dia para dia.

E peiorando foi sempre até ao dia 1 d'este mez em que elle poz violentamente termo aos seus males com um tiro de rewolver.

*
* *

Eu nunca tive a honra de fallar com Camillo Castello Branco e mesmo nunca o vi senão uma vez, ha muitos annos, era eu um rapazote ainda, na mesa redonda do Hotel Gibraltar, que era então ainda em frente da egreja dos Martyres.

Foi n'uma quinta-feira santa, eu tinha ido ao Lumiar á quinta do Duque de Palmella, com o Adolpho Tassio, o José de Figueiredo e o Stelpflug, e depois viemos todos iantar ao Gibraltar.

A mesa redonda estava a acabar e ficamos só nós quatro jantando.

D'ali a pedaço veio outro retardatario tambem para jantar.

Sentou-se d'outro lado da mesa e jantou sósinho.

Era um homem magro, trigueiro, bexigoso, de bigode preto.

Jantou depressa e sahiu antes de nós acabarmos.

E depois d'elle sahir, o creado que era um velho, muito alegre e fallador, e de quem ha muito não sei o que foi feito, perguntou-nos:

— Não sabem quem era aquelle sujeito?

— Não!

— Pois admira! Elle é bem conhecido e bem fallado.

— Quem é?

— É o Camillo Castello Branco, disse-nos elle, com certa emphase, ficando a olhar para nós para ver o effeito que em nós fazia o nome do grande romancista.

E depois accrescentou, fazendo *reclame* ao hotel.

— É nosso freguez ha muito tempo, vem sempre cá para casa.

E foi esta a primeira e a ultima vez que vi Camillo Castello Branco.

Quando ha tres annos elle esteve em Lisboa, eu fui procural-o ao hotel onde estava hospedado para lhe agradecer pessoalmente uma dedicatoria muito amavel que elle tinha escripto n'um livro que me offerecera expontaneamente.

Não estava lá, tinha ido n'esse mesmo dia para casa de Thomaz Ribeiro, para Carnaxide.

Procurei-o mais algumas vezes, mas a doença que então já o atacava com toda a violencia, impoz-me o dever de não o ir incommodar com a minha visita de apresentação.

*
* *

Entretanto, se não conhecia pessoalmente Camillo, se nunca tive a honra de lhe fallar, conhecia o romancista desde pequeno e tinha por elle como romancista, como polemista, como homem de lettras, a admiração profunda, a veneração enorme que impunha fatalmente e poderosamente o seu excepcional talento, as extraordinarias qualidades que faziam d'elle uma das mais refulgentes glorias da nossa litteratura e do nosso tempo.

E ao mesmo tempo que tinha pelo genio do escriptor esta admiração respeitosa, tinha pelas amarguras dolorosissimas do homem, que eram de todos conhecidas a mais sympathica compaixão, porque para ser em tudo excepcional, até na desgraça, até na doença foi excepcional esse infeliz grande homem.

A ultima pagina da tormentosa enfermidade de Camillo, a historia rapida do rapido epilogo que elle fez á sua doença com cruel energia, é bem conhecida.

Essa doença extraordinariamente aggravada n'estes ultimos annos, tivera ultimamente ainda um aggravamento de tortura — a cegueira.

Camillo que arrostára heroicamente com todas as dôres, com todos os males, acobardou-se diante d'ella.

A idéa de ficar para sempre cego, amedrontou-o, enlouqueceu-o de pavor.

Foi então que a idéa do suicidio lhe passou pelo espirito attribulado, e essa idéa aterrou-o tanto ou mais que a propria cegueira.

É prova d'isso a carta que em setembro de 1888 elle escreveu a um seu amigo, o padre Sebastião Leite de Vasconcellos.

Desanimado, desilludido da sciencia, o grande espirito appellava para Deus: e procurava no milagre a cura que sabia não poder encontrar na medicina.

Essa carta é muito curiosa e mostra bem a lucta gigantesca que se deve ter dado no espirito de Camillo durante esses dois annos decorridos, antes de triumphar a resolução do suicidio.

Eis a carta:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} sr.

«Vão-se multiplicando os favores que lhe devo e com elles a minha gratidão inutil mas indelevel. Eduardo da Costa Santos foi o portador do obsequio que solicitei da prestante virtude de V. Ex.^{a} e pelo qual me confesso tão reconhecido como se a Virgem do Ceo me houvesse restituido a luz dos olhos, quasi de todo extincta.

Cresce o meu agradecimento quando vejo que V. Ex.^{a} recorre ao poder divino para que se opere o milagre que a sciencia não fez nem poderá fazer. Eu tenho muita confiança nas suas preces acompanhadas da voz innocente dos seus filhos adoptivos, cuja alma V. Ex.^{a} regenerou.

Se Deus me permittir ainda a cura d'este fatal padecimento irei beijar-lhe a mão e ajoelhar ao seu lado, diante do Deus misericordioso; mas se as trevas tem de ser eternas peça V. Ex.^{a} a Deus que me illumine a alma com a paciencia e a conformidade».

A cegueira porém continuou implacavel e Deus que não quiz dar a Camillo a cura do fatal padecimento, tambem não lhe deu a conformidade e a paciencia que elle pedia.

N'um dos ultimos dias de maio, Camillo ouviu ler n'um jornal o annuncio d'um medico occulista que havia em Aveiro, o dr. Eduardo Machado.

Escreveu-lhe immediatamente a pedir-lhe que o fosse ver.

O dr. Machado foi e chegou a Seide no dia 1 de junho.

Camillo fez-lhe a historia da sua doença: o especialista examinou-o attentamente mas nas suas palavras embora bem medidas para não desesperar o doente, Camillo comprehendeu que toda a esperança estava perdida.

E quando o medico sahiu, Camillo pediu a sua esposa que o acompanhasse á porta.

— Ó Anninhas! Vae acompanhar o doutor... Então!...

Sua esposa foi mas apenas sahiu do quarto ouviu uma detonação.

Correu logo atráz acompanhada pelo medico. Camillo estava moribundo.

Apenas sua esposa voltára costas, Camillo pegara no rewolver que sempre tinha comsigo e disparára-o na cabeça.

D'ali a minutos o grande escriptor exalava o ultimo suspiro.

A noticia do suicidio de Camillo Castello Branco produziu profundissima consternação em todo o Portugal e mesmo no estrangeiro onde o nome de Camillo era muito conhecido e respeitado.

O Occidente publica hoje o retrato do illustre morto acompanhado da biographia escripta pelo nosso talentoso collega o sr. Jayme Victor.

*
* *

Na Academia Real das Sciencias houve uma sessão solemne no domingo 8, á 1 hora da tarde para o academico Dr. Antonio Candido lêr o elogio historico do chorado monarcha El-Rei D. Luiz.

A concorrencia foi enorme.

A' sessão presidiu S. M. El-Rei D. Carlos, presidente da Academia, e assistiram S. M. a Rainha D. Amelia, toda vestida de preto e sua alteza o sr. infante D. Affonso.

O elogio de El-Rei D. Luiz é uma brilhantissima peça litteraria, um primor de eloquencia, digno do talento extraordinario de Antonio Candido, e o illustre orador, muitas vezes interrompido por applausos durante a sua oração foi vivamente felicitado no fim d'ella por El-Rei, a Rainha e todos os academicos e homens de lettras que assistiram a essa notavel sessão.

Gervasio Lobato

CAMILLO

Vão-se os deuses, vão, mas não é o vento da impiedade ou da descrença publica que os arrebata, é o turbilhão da propria dôr que no seu remoinho maldito os empolga e esphacela.

Ah! A dôr! A dôr! Alguem lhe fez ha pouco a paradoxal apologia, chamando-lhe a maior de todas as consolações humanas, o mais puro e requintado de todos os prazeres nervosos. Se em vez de um paradoxo esta asserção fosse uma verdade, não seriam lagrimas de tristeza e de piedade que viriam agora cahir sobre o cadaver mirrado de Camillo Castello Branco. Bem ao contrario, a dôr divinisada por Heine, por Stendhal e por Bourget, eternamente glorificada pela *Mater Dolorosa*, teria no suicida de hontem a sua encarnação mais completa, a sua synthese perfeita.

Qualquer phisiologista estudaria com prazer scientifico nos centros nervosos d'esse pujante e delicado organismo, a marcha da Dôr, ascensional e victoriosa, derribando na passagem as evocações do passado, as glorias da popularidade, os laços da familia, a necessidade organica do trabalho, e deixando apenas vivo e ateiado, para um requinte de sensibilidade angustiosa, o clarão da intelligencia, como se fosse indispensavel que elle illuminasse a derrocada final de todo esse vasto mundo. E o philosopho, apologista da Dôr, admiraria em extasi esse exemplar incomparavel, com que por egual a natureza fôra prodiga, semeando-lhe no cerebro os proprios germens da sua potencia creadora e pondo-lhe no coração a corda da sensibilidade, tão retezada pela dôr, que estalou, matando o.

*
* *

Não é este o momento de aprofundar os meandros d'esta abstracta e delicada philosophia. Verdadeira ou não o que importa n'este momento dizer e confessar é que a patria está de luto pela morte tragica de um dos filhos que mais a honra-

ram, é que as letras portuguezas perderam o mais immaculado de todos os seus cultores, é que na floresta do pensamento acaba de ser derribado um dos robles formidaveis.

Pela solidez da intelligencia, ao mesmo tempo malleavel e robusta, pelos encantos de uma arte em que conseguira plasticisar um mundo de idéas e de sensações, e pela fecundidade intellectual, sobretudo por essa faculdade verdadeiramente creadora, prodiga sempre de thesouros, ineditos como a propria natureza, Camillo mais lembra um d'esses fortes do seculo XVI, um d'esses filhos illustres da Renascença, que parece terem exgotado a Força e a Vida, a ponto de sobrevir á sua obra esse esteril e fradesco seculo XVII.

Nós estamos plenamente convencidos de que as leis atavicas se não dão apenas no mundo animal, dão-se tambem no mundo social. Assim o seculo XVII é um apagado traço d'união, entre dois seculos formidaveis. Liga a Renascença dos artistas á Obra dos philosophos, como se n'este infinito trajecto da humanidade, o progresso carecesse d'estas pontes oscillantes para, ao transpol-as, alcançar com um novo triumpho mais uma surpreza.

As victorias do espirito conquistadas então, de França ramificaram-se pela Europa, e em Portugal lançaram rebentos fecundos no limiar do seculo XIX. E' de lá que brotam os tres patriarchas da nossa litteratura, dos quaes se distancia com pequeno intervallo Camillo Castello Branco.

* * *

Para a mocidade do nosso tempo era consolador e tonico ver aquelle velho, a cabeça pendente e precocemente branca, curvado para o chão, arrastando-se como um paralytico, os olhos cerrados á luz e vendados por umas lunetas negras, as narinas afiladas, covas grandes nas faces como se o vampiro da doença lhe tivesse chupado o sangue, macillento, cadaverico, pobre esqueleto ambulante, vêl o apesar de tudo, protesto eterno, suprema victoria do espirito, arrancar do cerebro as mais bellas florescencias do genio, os encantos da arte mais primorosos e captivantes, as ironias penetrantes como estyletes, as imagens ricas como constellações, a erudição de um benedictino temperada com a arte de um estylista, as jovialidades causticas de um sarcasta, de envolta com as ternuras exhuberantes de um lyrico, as profundezas de um historiador e as sentimentalidades de um poeta, e acima de tudo essa pujança a que chamaremos catilinaria, essa enormidade na violencia atrabiliaria, esse poder apocalyptico de esmagar o inimigo por entre saraivadas de troça, assombros de erudição, cambiantes de linguagem e torrentes caudaes de graça, da sã, da velha, da genuina graça portugueza!

Citar as centenas de volumes, onde se transfundiu e photographou, desde o *Anathema* ao seu ultimo livro *Nas trevas*, o genio immortal de Camillo Castello Branco, é inutil, porque hoje a evocação saudosa dos nossos leitores, por-lhes-ha nos labios os nomes de todos elles. Nem é necessario, para accentuar que tantos milhares de paginas não comportam apenas os explendores e as opulencias de um talento *hors-ligne*, bem mais do que isso, são como que a sonora, profunda e eterna vibração da alma portugueza. Passa atravez d'essas paginas brilhantes a razão de ser da nossa raça, estampam-se e gravam-se lá os caracteres ethnicos da nossa nacionalidade. A potentissima organisação intellectual de Camillo, é como que um vasto laboratorio, onde vem purificar-se as idéas, as impressões, os sentimentos, para de lá adquirindo uma fórma impeccavel e unica, correrem sob o encanto de todos os olhares, precipitarem-se na attracção de todos os espiritos, tornarem-se amados como se fossem gerados no cerebro de cada um. É o poder supremo do genio que popularisa a sua obra, porque filtrando-se n'ella o sentimento de todos, não ha um só que não encontre n'ella manifestações do sentir intimo, tópicos da propria individualidade. Tão simples que parece até poder uma creança dar-lhe a paternidade, tão grande que só o genio pode concebel-a. Na obra immensa de Camillo vibram as nossas gargalhadas, correm as nossas lagrimas, pintam-se os nossos ridiculos, estam as nossas dôres, gritam as nossas imprecações, ouve-se lá o repique alegre dos sinos e o estalar dos foguetes nas nossas festas da aldeia, a paizagem dos nossos campos, o cachoar das nossas torrentes, a ondulação das nossas montanhas, os momentos alternativos da melancholia e da jovialidade meridional correndo leves e fugitivos como em nós, as ternuras do amor, as violencias da paixão, as imposições da animalidade, as rudezas indomaveis do nosso velho orgulho, a vida historica dos personagens extinctos, finalmente a alma portugueza, de hoje, de hontem, ergue-se, vive, rompe d'essas paginas gloriosas, encontrando virtualidade e fórma no que a lingua tem de mais musical e onomotopaico, no que a prosa portugueza tem de mais rico, de mais plastico, de mais modernamente classico, de mais portuguezmente burilado.

As apertadas convenções do theatro e as exigencias metricas do verso eram balisas estreitas de mais para ampararem os impetos d'aquella onda, para conterem as torrentes d'aquelle espirito. O observador, o sabio, o poeta só no molde largo da idéa, na elasticidade infinita da prosa, entornava sem constrangimento o coração e o cerebro. É por isso que a sua obra rimada é inferior, e as palmas que lhe deram no theatro não tiveram o enthusiasmo e a expontaneidade dos applausos que todos nós lhe damos, no silencio do nosso gabinete, devorando as mais soberbas iguarias do seu espirito, limpando muitas vezes uma lagrima, que elle nos arrancára do coração, ou despedindo uma gargalhada longa, consoladora, abençoada, com que elle na sua graça misericordiosa nos fizera esquecer das torpezas e miserias d'este mundo miseravel.

* * *

Veneremos em Camillo o escriptor na sua significação mais ampla. Veneremos n'elle, entre todos, o unico, que sobre a sua penna incançavel e gloriosa baseou a sua existencia inteira. E não foi apenas certamente o desespero das torturas soffridas que lhe levou a mão ao rewolver para despedaçar a cabeça cheia de martyrios e de luz. As ultimas palavras dictadas pelo pobre cego, dias antes de morrer, são de uma melancolia profunda e de uma honradez tão exemplar, que quem saiba ler entre as linhas diria ter visto ali o pronuncio do tragico acontecimento de Seide. Foi só quando a cegueira lhe quebrou a penna, no dia em que elle deixou de pedir ao trabalho os recursos da existencia, que acceitou a pensão com que o Estado honrando-se, quiz honral-o.

E coisa singular é que os escriptores, os artistas esses seres incongrentes e levianos, a quem o burguez vota as suas antipathias mais fundas, odiando-os na mesma proporção em que os admira e teme, é que sejam elles, os audazes, os contradictorios, tão faceis n'um rasgo de genio que deslumbre como n'um rasgo de generosidade que os empobreça, prodigalisando todos os prodigios do cerebro e todas as loucuras do coração, opulentos no espalhar das ideias e pueris no despreso das proprias garantias, organisações em que vibram todos os impulsos, nervos aguçados por todas as sensações, sangue que com todos os enthusiasmos alvoroça, almas que se rendem a todos os cultos, coisa singular é que n'estes ultimos tempos de descrença, de sordidez e de egoismo, sejam elles, os mais potentes e os mais finos artistas da palavra escripta, que estejam dando ao seu eterno adversario o exemplo das virtudes catonianas, arrancando com a ponta de uma navalha ou com a bala de um rewolver a vida que já não pode caminhar serena para o ideal da honra ou já não pode ser amparada pelo trabalho honrado.

N'este quartel derradeiro do seculo, proximo a entrar n'aquelle que lhe vae pedir contas por elle ter levantado acima de todas as philosophias a do egoismo material e grosseiro, Portugal deve erguer bem alto como as estatuas do Exemplo estas duas figuras potentes e sublimes: Julio Cesar Machado e Camillo Castello Branco.

Encarreguem-se de fazer-lhes o epitaphio o espirito de todos os pensadores e a alma de todos os poetas. E que os paes tragam mais tarde os filhos pela mão, e apontando-lhes essas figuras supremas e inolvidadas, digam entre commovidos e orgulhosos: filhos, estes dois artistas foram tão grandes pela gloria como pelo martyrio. Fitae os olhos n'elles, aprendei na obra de ambos, e admirae-os na vida para os respeitardes na morte.

Jayme Victor.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOTAS BIOGRAPHICAS

É sabido que Camillo Castello Branco nasceu em Lisboa. Uns dizem que elle nasceu em uma casa da Rua Larga de S. Roque, e foi baptisado na egreja do Loreto, e outros dizem que o nascimento se deu em uma casa do Largo do Carmo e foi baptisado na egreja dos Martyres.

Foi a 16 de março de 1826 que Camillo veio ao mundo, onde o esperava tanta gloria e tantos soffrimentos. Seu pae chamava-se Manoel Botelho Castello Branco e diz-se que sua mãe era uma judia de nome Jacintha, que vivia em Cezimbra.

Manoel Botelho Castello Branco morreu pelos annos de 1836, deixando Camillo desherdado e completamente orphão, pois que sua mãe tambem já tinha fallecido. Os parentes paternos tomaram então conta da infeliz criança, que foi entregue aos cuidados de uma tia, que vivia em Villa Real de Traz os-Montes.

Parece que Camillo não se deu bem com a sua protectora, pois que duas vezes tentou fugir-lhe, uma vez para o Porto e outra para Lisboa, sendo de ambas as vezes obrigado a voltar a casa, indo então para a companhia de uma sua irmã casada com o sr. Francisco José de Azevedo, facultativo em Villa Real e pae dos srs. drs. José de Azevedo Castello Branco e Antonio de Azevedo Castello Branco e irmão do sr. Antonio José de Azevedo, sacerdote muito illustrado que tomou á sua conta a educação litteraria de Camillo.

Por 1841 Camillo Castello Branco veio para Lisboa para espairecer paixões precoces que já o assoberbávam. Pouco tempo, porém, se demorou na capital e foi para o Porto, onde principiou a estudar medecina na Escola Medico-Cirurgica.

Principiou tambem por este tempo os seus ensaios litterarios, e cuidando mais das musas que do estudo medico, ficou reprovado em anatomia, mas em compensação tinha escripto o *Juizo Final* e *Pundenores*.

Deixou o estudo de medecina e partiu para Coimbra onde adoeceu gravemente, doença que durou sete mezes.

Estamos em 1846 em que o paiz andava revolucionado, e Camillo abandonando Coimbra voltou para Villa Real, onde encontrou um tio realista que o induziu a acompanhar Mac-Donell que por ali guerrilhava com a sua gente contra os liberaes.

Não durou muito esta situação de Camillo, de que a historia não lhe registra nenhum feito heroico, e a morte de Mac-Donell acabou com a guerrilha e as suas glorias e Camillo, muito impressionado, veio para o *Nacional* e para o *Echo Popular*, verberar em brilhante prosa de folhetins contra as dissenções partidarias que punham o paiz em armas.

N'aquelles folhetins Camillo principiou a affirmar os seus dotes de escriptor e a criar popularidade em volta do seu nome.

Foi assim que em 1849 veio para Lisboa onde principiou a publicar na *Semana* o *Anathema*.

Voltou no anno seguinte para o Porto, e continuando ali a escrever em varios jornaes, deu principio á sua serie de livros que tão numerosa havia de ser, e que o havia de consagrar o primeiro romancista portuguez d'este seculo.

Poeta e romancista elle experimentou muitas vezes as grandes sensações que descreve nos seus livros. Teve uma mocidade apaixonada e aventurosa; o amor envolveu-o nos seus mais perigosos enredos, e foi largo o tributo que lhe pagou.

Casou em Ribeira de Pena com uma menina que ali conhecera por occasião de ir visitar um seu parente que tinha n'aquella terra, mas pouco se gosou d'este matrimonio, porque a esposa morreu, assim como uma filha que tivera.

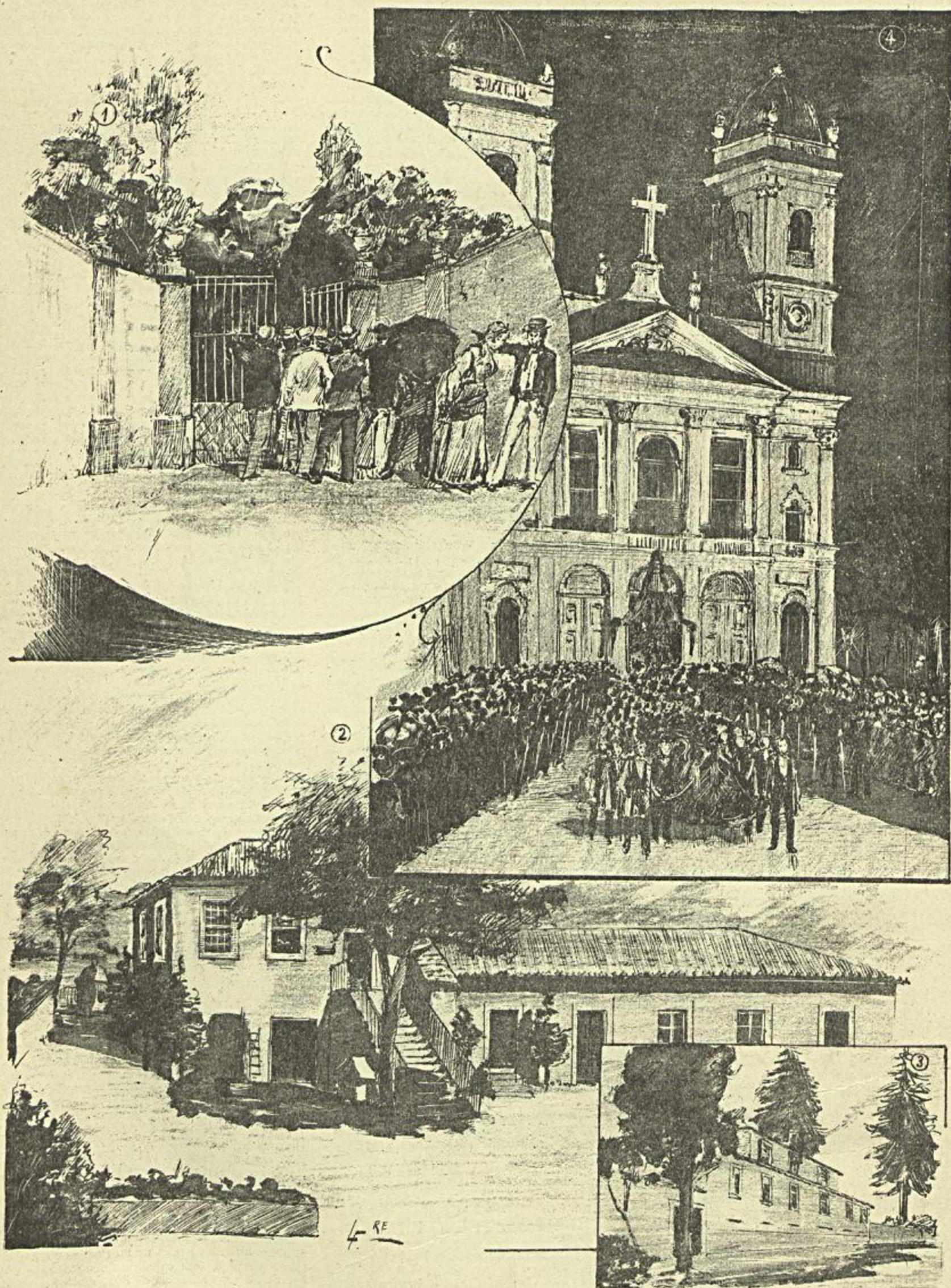
O seu coração apaixonado fel-o peccar no nono mandamento, e esse peccado levou-o á cadeia da relação, no Porto, assim como á sua apaixonada. Ali foi Camillo visitado por D. Pedro V em 1861, e depois de julgado em audiencia de jury, absolvido por unanimidade.

Essa senhora que assim se deixara apaixonar pelo romancista, foi a sua companheira até á morte na Tebaida de S. Miguel de Seide. D. Anna Augusta Placida a quem o glorioso escriptor recebeu por esposa ha dois annos, estando já viuva do seu primeiro marido.

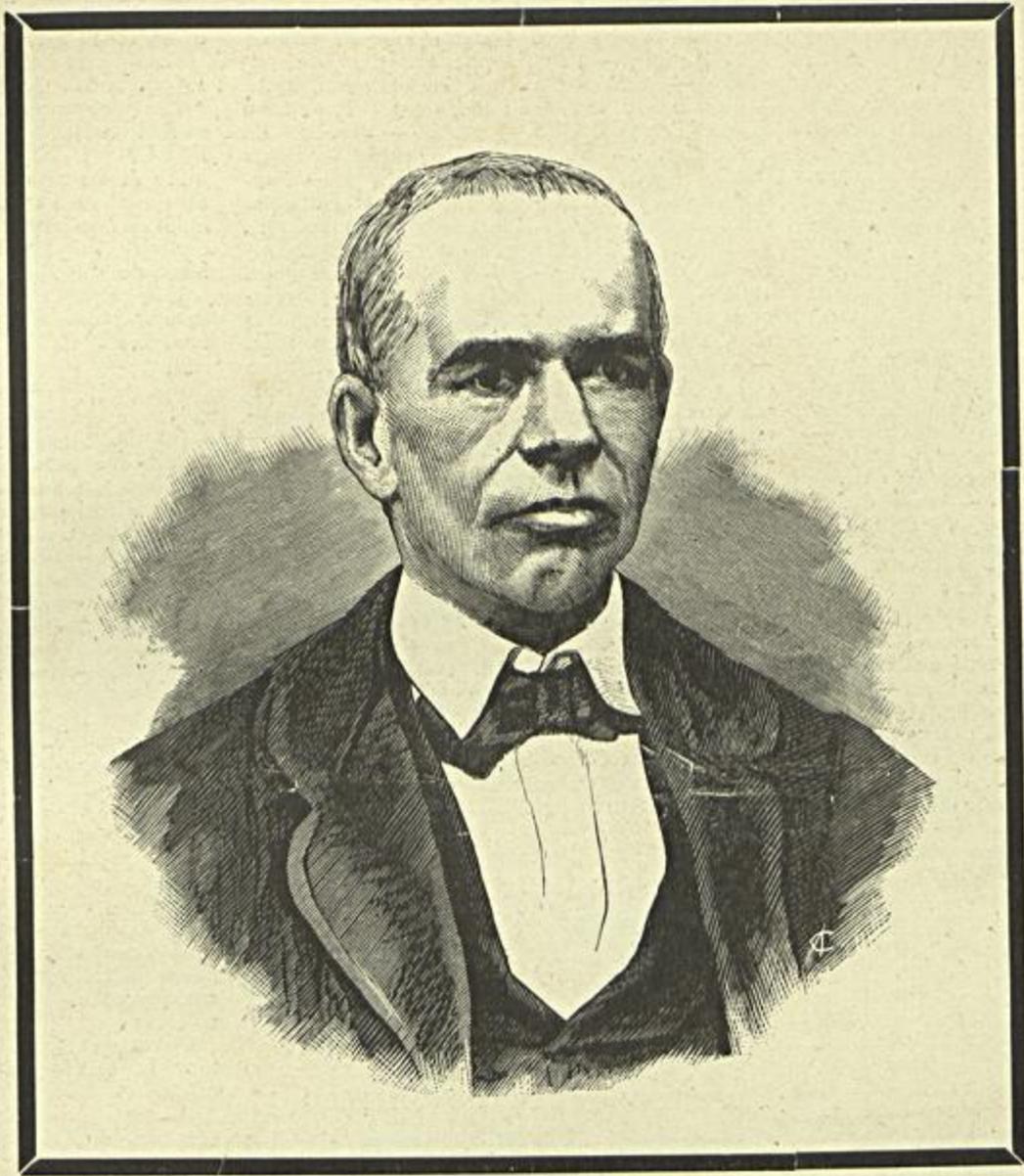
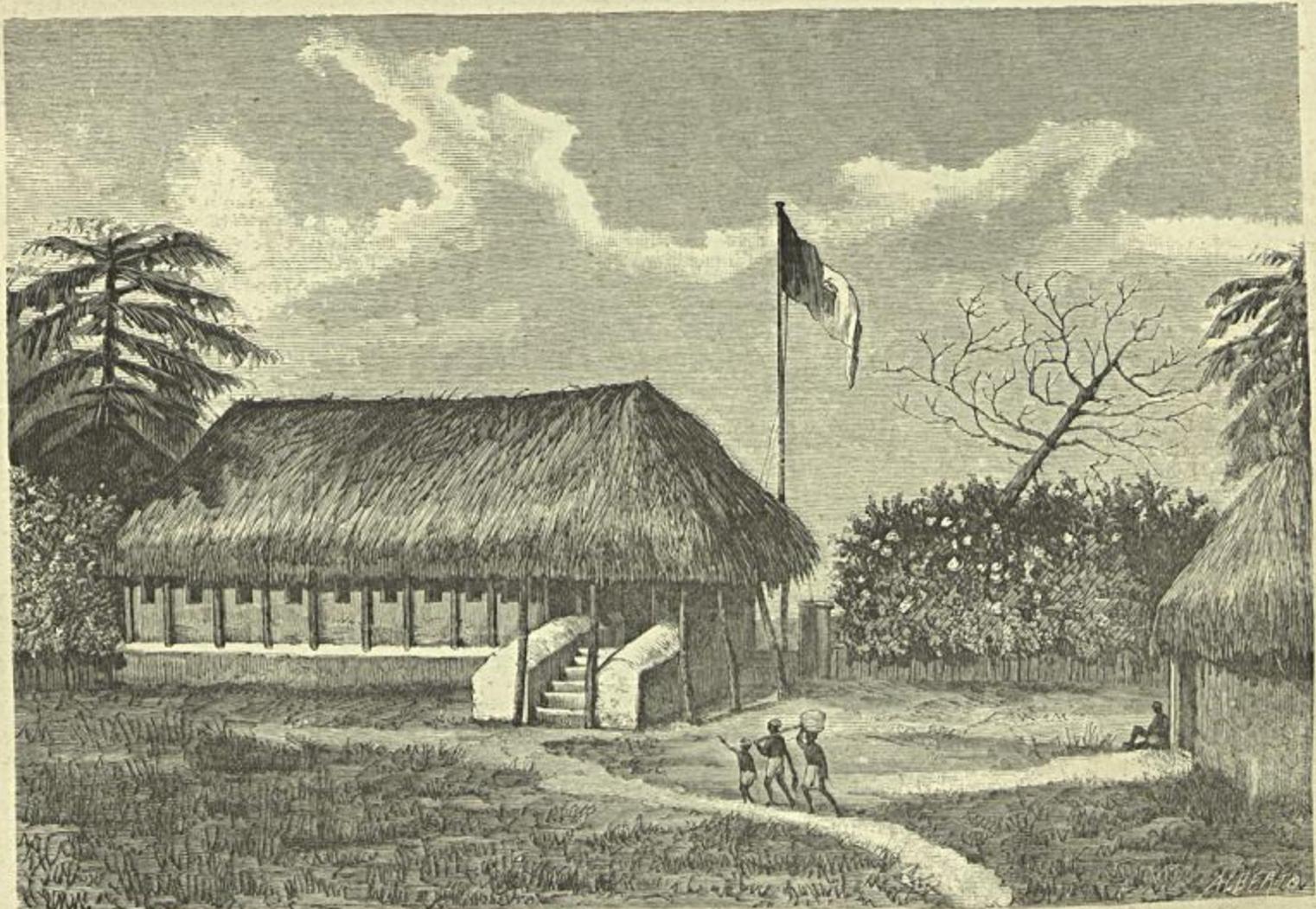
Foi em S. Miguel de Seide que Camillo produziu uma grande parte das suas obras, as que datam de 1862 para cá. Foi tambem em S. Miguel de Seide que elle curtiu os atrozes soffrimentos que o levaram até á morte.

N'aquella mesma casa onde o eminente escriptor enflorou a sua corôa de gloria, ali se criaram uma a uma as flôres da sua corôa de martyrios.

Poucas vezes Camillo sahiu da sua habitação de S. Miguel de Seide para vir ao Porto ou a Lisboa, tendo vindo a esta cidade ultimamente em 1887 depois de uma ausencia de doze annos, e o anno passado. De ambas as vezes veio para tratar da saude, e principalmente da cegueira, mas infelizmente sem resultado.

Em 1885 Camillo Castello Branco acceitou o titulo de Visconde de Correia Botelho, e elle que

1 As primeiras noticias do suicidio em S. Miguel de Seide — 2 e 3 A casa de Camillo Castello Branco — 4 O funeral na egreja da Lapa.

MORTE DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Desenho de L. Freire)

O EXPLORADOR PORTUGUEZ SILVA PORTO — Fallecido em Africa
(Segundo uma photographia)

A CASA, ONDE, SEGUNDO CONSTA, SE SUICIDOU SILVA PORTO, EM BELMONTE
(Segundo um *croquis* de Serpa Pinto)

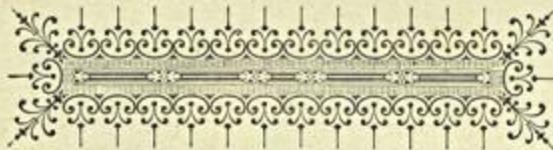
tanto se rira d'estas pequenas vaidades, deixou-se vencer por um capricho a que o seu grande espirito não poude resistir. Ia n'isso uma desforra de questões de familia.

O anno passado as côrtes votaram-lhe uma pensão em duas vidas de 1:000$000 réis annual, tendo em vista as circumstancias precarias do grande escriptor, que tanto lustre dera ás lettras portuguezas, e as circumstancias não menos precarias do seu filho Jorge, a quem uma terrivel enfermidade tirou o uso da razão.

Para concluir estas notas só nos resta dar aqui a lista das obras de Camillo Castello Branco, que são ellas o padrão immorredoiro da sua gloria.

Eil-as:

Abaixo os bigodes. — Abençoadas lagrimas. 1861. — Agostinho de Ceuta, 1887 — Agulha em palheiro, 1865 — Amor de perdição, 1864. — Amor de salvação, 1864. — Amores do diabo, 1872. — Amores de um valido. — Anathema, 1858. — Annos de prosa, 1863. — Ao anoitecer da vida. — Assassino de Macario (O), 1886. — Aventuras de Brito Fernandes Enxertado, 1863. — Bico de Gaz (O), 1864. — Biographia de Vieira de Castro. — Bohemia do espirito. 1886. — Brazileira de Prazins,. 1882. — Brilhantes do Brazileiro (Os , 1869. — Bruxa do monte Cordova (A), 1867. — Caleche. — Cancioneiro alegre, 1887. — Carlota Angela, 1874. — Carrasco de Victor Hugo José Alves (O), 1872. — Carta de Guia de Casados, 1873. — Catalogo de livros pertencentes a Camillo, 1870 — Cavallaria da Sebenta. — Cavar em ruinas, 1866. — Caveira da martyr, 1876. — Cego de Landim (3.º — novellas), 1876. — Clero e o sr. Alexandre Herculano, 1850. — Coisas espantosas, 1862. — Commendador (O), (2.º — novellas), 1876. — Como os anjos se vingam, 1870. — Condemnado, 1870. — Com uma rica cartonagem. — Coração cabeça e estomago, 1862. — Corja (A), 1880. — Correspondencia epistolar, 1874. — Cousas leves e pesadas, 1867. — Criticos do Cancioneiro alegre, 1887 — Cruz (A), 1853-60 — Curso de litteratura. — Degredado, 6.º—novellas). — Demonio do ouro. — Diccionario de educação e ensino, 1873. — Diffamação dos livreiros, 1886. — Discurso sobre os desvarios do espirito humano, 1869. — Divindade de Jesus, 1865. — Doida do Candal, 1888. — Dom Antonio Alves Martins, 1870. — Dom Luiz de Portugal, 1883. — Doze casamentos felizes, 1861. — Duas epocas da vida, 1865. — Duas horas de leitura, 1857. — Eccos humoristicos do Minho, 1880. — Engeitada (A), 1866. — Entre a flauta e a viola, 1882. — Esboços de apreciações litterarias, 1865. — Espada de Alexandre, 1872. — Espinhos e flores, 1857. — Esqueleto, 1865. — Estrellas funestas, 1862. — Estrellas prupicias, 1862. — Eusebio Macario, 1880. — Fanny, 1861. — Filha do Arcediago, 1858. — Filha do dr. Negro, 1864. — Filha do regicida, 1875. — Folhas caidas apanhadas na lama, 1854. — Folhas caidas apanhadas a dente, 1855. — Filho natural, (5.º — novellas). — Formosa Lusitana, (A), 1877. — Freira no subterraneo, 1884. — Garantia, sciencias e estudos de cavallaria, 1874. — Gazeta litteraria do Porto, 1868. — General Carlos Ribeiro (O), 1884. — Genio do christianismo (O), 1860. — Gracejos que matam (1.º—novellas), 1875. — Historia e sentimentalismo, 1880 — Historia de Gabriel Malagrida, 1875. — Homem de brios (Um), 1856. — Horas de paz, 1865. — Hosanna, 1852 — Immortalidade, a morte é a vida, 1865. — Inferno (O), 1871. — Inspirações, poesias, 1851. — Jesus Christo perante o seculo, 1863. — José Balsamo, 1874. — Judeu (O), 1866. — Juizo final e sonho do inferno, 1845. — Justiça, drama em 2 actos, 1874. — Lagrimas abençoadas, 1878. — Lenda de Machim, 1880. — Livro de consolação, 1872. — Livro negro do padre Diniz, 1863. — Luta de gigantes, 1865. — Luiz de Camões, 1880. — Maria da Fonte, — Maria da Fonte, (8.º novella) — 1885. — Maria Moisés, (7.º novellas.) Marquez de Torres Novas (O), 1858 — Martyres de Chateaubriand, 1865. — Mata-a ou ella te matará, 1872. — Memoria de frei João de S. Joseph Queiroz, 1868. — Memorias do carcere, 1862. — Memorias de Guilherme do Amaral, 1863. — Morgada de Romariz, (4 novellas.) — Morgadinha de Val de Amores, 1882. — Morgado de Fafe em Lisboa, 1861. — Morgado de Fafe amoroso, 1865. — Mosaicos e silva de curiosidades, 1868. — Mulher fatal. — Mundo elegante, 1858-59. — Murraça, 1848. — Misterios de Fafe, 1877. — Misterios de Lisboa, 1861. — Narcoticos, 1882. — Natal na residencia (O), 1871. — Neta do arcediago, 1860. — No Bom Jesus do Monte, 1864. — Noites de insomnia, 1874. — Noites de Lamego, 1863. — Nostalgias, 1888. — Novellas do Mingo (8 romances), 1875 e 1876. — O Bardo (Jornal de poesias), 1854. — O bem e o mal, 1863. — Olho de vidro, 1866. — Onde está a felicidade, 1856. — O que fazem mulheres, 1858. — Otelo, o mouro de Veneza, 1886. — Papa (O) e a liberdade — Parente de 53 monarcas (O), 1867. — Pensamentos sobre o christianismo. — Perfil do marquez de Pombal, 1882. — Poesia ou dinheiro? (drama) — Poesias a S. João Baptista, 1865. — Poesias — Preceitos da consciencia. — Preceitos do coração. — Praga (Uma) rogada nas escadas da forca, 1862. — Pundonores desagravados, 1845. — Purgatorio e paraizo (drama), 1871, — Quatro horas innocentes, 1872. Queda de um anjo, 1866. — Regicida, romance historico, 1874 — Queda de um anjo, 1866. — Retrato de Ricardina (O) 1888. — Revelações, 1852. — Riquezas do pobre e miserias do rico, 1858. — Romance de um homem rico. 1861. — Romance de um rapaz pobre, 1865 — Sangue (O), 1868. — Santo da Montanha (O) 1866. — Scenas contemporaneas, 1856. — Scenas contemporaneas, (2.ª edição.) — Scenas da Foz, 1857. — Scenas da hora final, 1878. — Scenas innocentes da comedia humana, 1863. — Senhor do Paço de Ninães, 1886. — Senhora Rattazzi, 1886. — Sentimentalismo e historia, 1880. — Sereia (A), 1865. — Serões de S. Miguel de Seide, 1882. — Solemnia verba (scenas da Foz), 1857. — Sonho do inferno, 1845. — Suicida. — Theatro comico. — Tres irmãs (As), 1866. — Ultimo acto: drama em 1 acto, 1862. — Um livro, 1866. — Vaidades irritadas e irritantes, 1866. — Vespera do Parnazo. — Vida de D. Affonso VI, 1873. — Vida futura (A). 1877. — Vingança, 1863. — Vinho do Porto, 1884. — Vinte horas de liteira, 1864. — Virtudes antigas — Visconde de Ouguella. 1873. — Viuva do enforcado. — Vulcões de lama (romance), 1886. — Voltareis, ó Christo? narrativa, 1871.

C. A.

AS NOSSAS GRAVURAS

A MORTE DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

A NOTICIA DO SUICIDIO EM S. MIGUEL DE SEIDE

Pelas tres horas e um quarto da tarde de 1 do corrente, passou-se uma scena horrivel na casa de S. Miguel de Seide em que vivia Camillo Castello Branco.

O iminente escriptor, a quem a doença minava ha annos com todo o seu cortejo de dores e soffrimentos até á cegueira, acabava de receber a visita do medico sr. Edmundo Machado, que viera de Aveiro para o vêr e tratar, sendo ainda esta consulta uma ligeira esperança de Camillo para a cura dos seus males, quando ao despedir-se o medico, depois de lhe ter aconselhado o enfermo a ir para o Gerez, Camillo perdeu a ultima esperança que tinha.

A carinhosa companheira e enfermeira de Camillo D. Anna Placida acompanhou á sahida o medico a pedido do enfermo e emquanto este ficou só, ouviu-se dentro de casa uma detonação que sobresaltou todos e fez voltar o medico acompanhado de D. Placida ao quarto de Camillo.

O illustre escriptor estava cahido sobre um sophá com a cabeça varada por uma bala de rewolver que ainda conservava fomegante na mão.

Camillo tinha posto fim á vida com o rewolver que sempre trazia comsigo e que inutilmente por mais de uma vez a familia tentara tirar-lh'o.

A noticia espalhou-se rapidamente na aldeia e muita gente correu a casa do suicida para se certificar da triste nova.

É esta a situação que representa a nossa primeira gravura.

A CASA DE S. MIGUEL DE SEIDE

S. Miguel de Seide é uma pequena aldeia ou freguezia que se encontra a uma legua de distancia de Famalicão indo pela estrada que conduz d'esta Villa a Guimarães, e tomando por um atalho á direita que corta caminho por entre milhereaes.

A casa de Camillo encontra-se cercada por velhas carvalheiras e dentro de uma quinta murada a que dá accesso um portão de ferro.

Entra-se então n'um terreiro com suas arvores e alegretes de flores e a modesta casa campestre eleva-se ao fundo com suas paredes pintadas a ocre.

Foi ali que Camillo Castello Branco viveu d'esde 1862, trabalhando nos seus livros em um quarto do segundo andar d'aquella casa que era tambem a sua bibliotheca.

Esta parte do edificio é a que reproduz a nossa gravura n.º 3.

Era uma vasta sala com quatro janellas e guarnecida de alto a baixo com estantes cheias de livros.

Ao fundo uma grande meza de castanho tendo ao centro uma carteira onde Camillo escrevia. Ao lado da carteira uma pequena estante para collocar os livros de consulta, e sobre a estante um busto de Castilho.

Um pequeno fogão temperava o ambiante da casa durante o tempo frio. Eis de que consta a mobilia da sala onde trabalhava Camillo.

O FUNERAL

No dia 2 sahiu de S. Miguel de Seide o corpo do grande escriptor, sendo conduzido para a Trofa em um carro funebre puchado a duas parelhas e acompanhado por pobres com tochas.

Acompanhavam tambem o illustre finado o sr. João Antonio Freitas Fortuna, que dirigia o funeral e os srs. Manuel Ascenção Espinho, escrivão da Póvoa de Varzim e José Araujo Souza, ambos amigos intimos de Camillo.

Quando o comboio em que vinha o feretro chegou á estação de Campanhã era noite.

Na estação pouca gente aguardava a chegada do cadaver, alguns estudantes das escolas do Porto e amigos, em que se contava o sr. Eduardo da Costa Santos editor de alguns livros do grande romancista.

O caixão vinha dentro d'um wagon como qualquer mercadoria e apenas umas corôas pendoradas em volta do carro constituiam o unico adorno d'aquella camara ardente, onde nem sequer bruxeleava a luz de uma lamparina.

De Campanhã foi o corpo conduzido para a Real Capella da Lapa, em um modesto carro funebre ladeado por uns mal amanhados homens com archotes e poucos trens conduzindo alguns amigos.

O cadaver ficou depositado em uma capella fóra da egreja porque esta ainda não estava armada.

No dia segninte foi o corpo transportado para a egreja a qual estava toda revestida de longos pannos pretos, com simplicidade. No centro erguia-se uma tarima, em que foi depositado o feretro, e sobre ella descia um pavilhão, tambem simples.

Ás Ave-Marias principiou a ceremonia religiosa pelos responsos, achando-se o templo cheio de pessoas que assistiram ao acto.

O sr. conego Alves Mendes, amigo e admirador do glorioso morto, fez em sentidas e eloquentes palavras o elogio de Camillo Castello Branco, quando os responsos terminaram e se ia conduzir o cadaver ao cemiterio.

Depois o cortejo funebre sahiu da egreja, o feretro conduzido á mão encaminhou-se para o jazigo n.º 24 da familia do sr. Freitas Fortuna, e lá ficou no desvão n.º 3.

A nossa gravura n.º 4 representa a sahida do cortejo da egreja.

Foram depostas sobre o caixão diversas corôas da familia do finado, de alguns amigos, do Atheneu Commercial do Porto e Club Camillo Castello Branco.

SILVA PORTO

(1810-1890)

Em 1878, quando estive em commissão de serviço publico no districto de Benguella, conheci pessoalmente Antonio Francisco Ferreira da Silva Porto.

Era um velho de estatura regular, usando barba rapada, muito animado, rijo, quasi sempre vestido de flanella azul com botões de metal amarello, o que lhe dava um typo de maritimo e que não contribuia pouco para o seu prestigio, porque na Africa o marinheiro é a entidade que mais se impõe aos negros.

Chamava-se *Belmonte* a propriedade de Silva Porto. De Benguella ali, era um passeio que se fazia a pé, em pouco tempo.

Toda a gente que rodeava Silva Porto, tinha por elle uma grande estima e veneração, e poucas questões, no districto, se resolviam sem o seu voto ou fóra do conselho seu.

De todos os exploradores que tem viajado na Africa Austral, elle tem sido, para uns o mestre, para outros o director, e para alguns o seu salvador; principalmente para o tenente Cameron, Levingstone, Serpa Pinto, Welwitsch.

Levingstone em um dos seus diarios confessa: — «Porto offereceu-se-me para me acompanhar e prestar-me todo o seu auxilio, se eu quizesse acompanhal-o ao Bihé.»

Passou-se isto na conhecida travessia de Levingstone, pelo Zambeze, de Linyanti para Loanda.

O Bihé é o ponto, mais avançado para o interior, ainda habitado por brancos; dista setenta e quatro leguas de Benguella. O percurso, com bons carregadores póde ser feito em trinta dias.

Por mais de uma vez, homens do valor de Levingstone, procuraram informações de Silva Porto em quem achavam grande auctoridade. No interessante livro *Explorações ao interior da Africa Austral*, por David Levingstone, a pag. 223, encontram-se os seguintes periodos: «Perguntei a Porto, chefe dos Marabari, se não tinha ouvido dizer que Nalièlié havia sido visitado pelos brancos; respondeu-me que não, e accrescentou que elle proprio tinha tentado tres vezes chegar lá, e sempre tinha sido impedido pela tribu dos Ganguellas; em 1852 tinha avançado até aos arredores e havia sido repellido. Agora (1853) tinha querido entrar em Naliélié, mas não lhe fôra possivel passar além de Kainko, situado nas margens do Bashoukoutompo a oito dias de distancia de Naliélié, e fôra obrigado a voltar para os Barotsés.»

Quando o orgulhoso, e por vezes intratavel, Levingstone não duvidava curvar-se a pedir informações a Silva Porto, ao qual desdenhosamente chamava *chefe dos Marabari*, como se Silva Porto fosse algum gentio, e em outra parte do mesmo livro *Explorações ao interior da Africa Austral* se admira que Silva Porto tivesse *cabellos como os europeus!*—quando o orgulhoso Levingstone confessa o auxilio que por mais de uma vez recebeu de Porto, não admira que todos os outros exploradores lhe prestem a justiça devida.

E' certo porém que esse benemerito levou para a cova um peccado que não expiou: — informar e prestar auxilio sinceramente a todo o inglez, allemão ou francez que quizesse servir-se depois d'esse auxilio e d'essa informação, como trabalho proprio e portanto como um direito a apoderar-se de largos tratos de terreno da Africa Austral— que o mesmo é dizer a Africa Portugueza!

O honrado tenente Cameron que fez a viagem de Moçambique para Angola, citou, por duas vezes na conferencia que historiou a sua travessia africana, Desborough Cooley, auctor do notavel livro *Inner Africa laid open* (o interior d'Africa percorrido). Ora é sabido que Cooley no mesmo livro sinceramente confessava que os materiaes e elementos do seu trabalho eram de origem portugueza, e que encontrára o *systema do Zambeze* no itinerario de SILVA PORTO do Liambai á costa de Moçambique!

Em vista d'isto escusado será dizer que mr. Cameron é um *senhor inglez*.

*
* *

Parece-nos haver demonstrado, até aqui, o alto conceito que Silva Porto merecia a muitos africanistas, embora nem todos lealmente o confessassem.

Comtudo não é facil ler um livro, mesmo escripto em inglez, em francez ou allemão, referido ás explorações de 1850 para diante que não falle de Silva Porto.

Antonio Francisco Ferreira da Silva Porto devia ter, quando ultimamente se suicidou (?) perto de oitenta annos; nasceu no Porto (e Levingstone admirava-se que elle tivesse cabello corredio *como os europeus)* onde hoje é a rua do Bomjardim, era filho do honrado industrial Francisco Ferreira da Silva e de D. Anna Maria da Costa.

Aos doze annos foi para o Brazil onde fez alguma fortuna; e em 184... partiu para Loanda; voltou ainda ao Brazil afim de liquidar os seus haveres. Assim o fez effectivamente, e fixando a sua residencia na cidade de Benguella, começou a serie de explorações aos diversos povos africanos do interior.

A primeira viagem de Silva Porto, atravessando a Africa de um a outro lado, durou de 20 de novembro de 1852 a 8 de setembro de 1854.

Silva Porto não seria um homem de sciencia, mas escrevendo os seus diarios não era capaz de passar um dia de viagem sem que elle assentasse a qualidade do terreno, o genero de arvoredo, o estado do tempo, o numero de leguas percorridas, as horas de caminho andado, e os costumes, habitos e vida dos povos com quem tinha de tratar.

Eram por consequencia, as suas viagens, *derrotas estimadas*. Porque quasi seguira o mesmo processo empregado pelos nauticos quando em viagem lhes falta o sol, vendo-se assim impossibilitados de alcançar a altura meridiana para determinar a lattitude, e as alturas comparadas com a hora do chronometro para ter a longitude.

O systema de Silva Porto nos seus diarios era o seguinte:

«MAIO»

«Dia 9 — Continuamos a viagem, e fomos fazer *quilombo* (acampar) nas povoações do soba Birollo. Caminho plano, abundante de riachos, mattos fechados, terreno fertil, leguas andadas 10, rumo leste.»

. . . .

«ABRIL»

«Dia 28 — Continuamos a viagem, e fomos fazer *quilombo* nas povoações do soba Bumbj, situadas na margem direita do rio Nhionja. Caminho plano, mattos de espinheiro, sem agua no transito, terreno fertil, leguas andadas 7, rumo sul. Cessa n'esta paragem o dominio do soba Cabanga.

Ora á vista do modo como Silva Porto enchia os seus diarios — que elle facultava a toda a gente — não é para estranhar que mr. Cameron e outros estrangeiros tam facilmente fizessem travessias.

Saber o calculo de lattitude e o de longitude, conhecer os rumos da agulha, ser sobrio e não temer o negro nem a fera, e levar comsigo um diario de Silva Porto, referido ao caminho que tem a percorrer: — e está feito *um explorador.*

*
* *

Se não fosse Silva Porto, não se teria conseguido o termo de muitas viagens como as que, desde 1876 se teem feito em prol da civilisação africana, e por isso é nosso dever prestar aqui homenagem ao martyr e ao patriota que não duvidou trocar a vida pela honra.

Manoel Barradas.

A ESTRELLA DE BELEM

(Continuado do n.º antecedente)

Deu-se isto em 11 de novembro de 1572.

Dois dias antes, já a estrella tinha sido notada e observada por Cornelio Gemma, de Lovaina: «Esta nova Venus, escreve elle (*novus hic phosphorus)*, brilhou no firmamento na noite de domingo 9 de novembro: na vespera observei o céo e não a vi, apesar da limpidez da atmosphera.»

Sobrepujava Venus no brilho. Pessoas de vista apurada podiam distinguil-a á propria hora do meio dia, quando o céo estava puro. De noite, com os ares toldados, não era raro descortinal-a através de nuvens bastante espessas. Conservava-se immovel, e em nada se assemelhava a um cometa.

De dezembro de 1572 em deante começou o seu brilho a diminuir: tornou-se egual a Jupiter. Em fevereiro e março de 1573 era como uma estrella de primeira magnitude; em abril e maio confundia-se com as de segunda magnitude; continuou a decrescer de dia para dia, e em fevereiro de 1574 achava-se no ultimo limite de visibilidade a olho nu (ainda se não tinham inventado os instrumentos de optica). No mez seguinte, depois de haver brilhado dezesete mezes, desappareceu o astro mysterioso sem deixar o menor vestigio.

De então para cá nunca mais houve novas d'elle.

Se por essa occasião se teem inventado os oculos astronomicos e descoberto os methodos tão fecundos da analyse espectral, poder-se-hia ter seguido essa estrella depois que se tornou invisivel a olhos desarmados, e ver até que ponto de brilho telescopico desceu; e poder-se-hiam tambem determinar as substancias que ardiam nas suas chammas e adivinhar talvez a origem da sua conflagração temporaria. Mas foi muito depois, em 1606, que os filhos de um optico de Middelburgo descobriram o oculo de alcance, estando por divertimento a olhar para o gallo da torre através de umas lentes que tinham na mão, e só tres annos depois Galileu dirigiu pela primeira vez um oculo para o céo e descobriu os satellites de Jupiter.

Entretanto Tycho-Brahe determinou a posição da nova estrella com exactidão sufficiente para que nós a possamos reconhecer, e desde que se applicaram os oculos aos progressos da astronomia, ha 281 annos, não poucas vezes os observadores os teem assestado para esse ponto do céo a ver se alli estará alguma estrella telescopica de aspecto anormal que represente o que por ventura resta do astro brilhante de 1572.

*
* *

A estrella mysteriosa, o longinquo sol, que n'um periodo de dezesete mezes passou por tão prodigiosa conflagração, e só mui lentamente veiu a apagar-se, essa estrella encontra-se na constellação de Cassiopéa. O jurisconsulto-astronomo Bayer, que deu ás estrellas as lettras gregas pelas quaes nós as designamos, e publicou o seu atlas celeste em 1605, seguindo principalmente as observações de Tycho-Brahe e 28 annos apenas depois que a nossa famosa estrella desappareceu, Bayer pode ser tido como um dos guias mais seguros para a posição exacta d'esse visitador celeste. E por isso que reproduzimos aqui a sua Carta, (fig. 2). Vê-se a estrella reluzir sobre o espaldar da cadeira de Cassiopéa, não longe da estrella x de 4ª magnitude, e quasi no prolongamento de uma linha traçada de y a x, a $1^{10}/_{2}$ pouco mais ou menos alem d'esta ultima. Bayer marcou a estrella temporaria com a lettra *B*.

(Continúa). *C. Flammarion.*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXI

E o Dominguinhos foi espreitar á escada.

Olhou cá de baixo lá para cima; não havia nenhuma mão no corrimão polido que era uma das innovações modernas da escada do predio onde morava o sr. Leitão, innovação que elle mostrava a todas as suas visitas, encarecendo-lhe o prestimo, e que o fazia ter em alto apreço o seu terceiro andar da praça da Alegria.

N'esse corrimão polido não se avistava cá de baixo mão alguma, e em toda a escada reinava profundo silencio.

O Dominguinhos depois de se certificar de que não vinha ninguem na escada e portanto não havia que receiar novo gallego, voltou para junto das duas senhoras.

— Então? perguntaram ao mesmo tempo a mãe e a filha.

— Não vem ninguem, disse elle. Vamos lá.

E collocou-se no meio da sr.ª Leitão e da Ignacinha, avançando já o pésinho na direcção do portal.

A Ignacinha, tambem nas mesmas disposições de avançar, adeantou egualmente o pé dizendo:

— Vamos lá!

A mãe, a sr.ª Leitão é que não esteve pelos ajustes, e não se mechendo do seu logar, em vez de dizer tambem «Vamos lá» exclamou:

— Alto lá!

Os dois pararam.

— Então o que é isso? perguntou um pouco ironica a sr.ª Leitão,

— Isso quê?

— Para onde é a ida?

— Para casa! responderam os dois muito ingenuos, sériamente surprehendidos com a disparatada pergunta. Para casa, então para onde havia de ser?

— Ah! vão para casa? continua a sr.ª Leitão a transbordar de ironia.

— Sim senhora.

— Para que?

— Para consultar o Destino, respondeu muito prompta a Ignacinha.

— Ah! Para consultar o Destino? repetiu a sr.ª Leitão, mastigando muito as syllabas, com uma grande intenção sarcastica.

O Dominguinhos notou essa intenção e essa mastigadella, e murmurou desanimado com os seus botões:

— Mau! ainda não vae d'esta a consulta!

— Então tu imaginas que me enganas, com essa idade e com essa cara? rebentou por fim a sr.ª Leitão, encarando com parecer carrancudo a sua filha.

A Ignacinha ficou tão surprehendida, e sentia-se tão innocente, que se limitou a perguntar escandalisada:

— Eu, mamã?

— Tu, sim, tu e mais o menino Dominguinhos!

— Eu, minha senhora? perguntou a seu turno com igual surpreza e igual innocencia o filho do sr. Pereira, sentindo-se chicoteado pelo *menino*

desdenhoso, que a sr.ª Leitão, aquella dama de quem elle se arvorára em paladino, por quem arriscára a vida, lhe atirava desprezadoramente ás faces.

— Sim, os senhores ambos, confirmou a mãe da Ignacinha.

— Mas...

— Se o senhor, se o menino, emendou a sr.ª Leitão escolhendo o vocabulo exactamente para o ferir, para o magoar, se o menino quer ir soltar esse malcreado, esse insolente, esse trocatintas do Quim, pode ir soltal-o á sua vontade; vá, seja franco; mas não me queira illudir com falsas consultas do Destino.

— Falsas! protestou cheia de nobre indignação a innocencia do Dominguinhos.

— E não queira enganar-me, illudir-me, como se illude uma tôla! continuou a sr.ª Leitão sem fazer caso do protesto indignado do filho do sr. Pereira.

— Tôla, mamã! mas porque? perguntou a Ignacinha.

— Sim, porque? interrogou o Dominguinhos.

— Então o sr. vae á escada, vê que não está lá ninguem e quer ir consultar o Destino, entrando immediatamente para lá?

— Mas...

— Mas é claro como agua, proseguiu a sr.ª Leitão, que se lá não está ninguem, ninguem pode sahir, e portanto a consulta é uma burla, porque não sahindo ninguem, como não pode sahir, o Destino por força hade ser a favor da Ignacinha, a favor do senhor ir soltar o Quim.

O Domingos e a Ignacinha callaram-se.

Aquillo era effectivamente assim. Elles não o tinham feito por mal, não tinham pensado n'isso, mas a sr.ª Leitão tinha razão ás carradas, era inegavel.

— Ah! não dizem nada, nem sequer se defendem? perguntou a sr.ª Leitão forte com o silencio dos dois. Imaginavam que eu não dava pela esperteza saloia dos seus planos!

— Minha senhora, juro-lhe, começou a affiançar muito gravemente o Dominguinhos.

— Eu nem de tal me lembrava, affianço-lhe, mamã, certificou a seu turno a Ignacinha, já meio chorosa por vêr que a mãe fazia d'ella semelhante idéa, e a julgava capaz de semelhante procedimento.

(Continúa). *Gervasio Lobato.*

A CONSTELLAÇÃO DE CASSIOPÉA E A ESTRELLA DE 1572.

ATLAS DE BAYER (1603). — Vid. art. «Estrella de Belem»

REVISTA POLITICA

É ainda o *bill* o que entretem as discussões na camara dos deputados, e as eleições de pares na camara dos ditos, pelo que se vê que os trabalhos parlamentares marcham com uma presteza só comparavel ao passo pachorrento de boi de carro.

E infelizmente este mal não é só d'hoje; vem de longa data, sem esperança de melhora, porque n'estes ultimos tempos os eleitos do povo não vão ao parlamento para cuidar dos interesses d'este povo, mas sim para disputarem primasias de rhetorica, para exhibirem as suas habilidades oratorias, e nenhum se quer deixar na sombra, a não serem aquelles que por fortuna, não tem as taes habilidades da palavra, e se conservam em reservada mutez só interrompida por um ou outro apoiado, maxima expansão do seu enthusiasmo, nos grandes lances oratorios dos seus collegas falladores

O parecer do *bill* foi votado na generalidade com grande magua dos oradores inscriptos que ainda não tinham dito a ultima palavra sobre o caso, e que provavelmente se desforrarão agora discutindo-o na especialidade.

E o caso é que nenhum dos partidos póde accusar o seu antagonista por este facto, assim como por muitos outros, porque todos tem eguaes culpas, e as discussões são sempre as mesmas só com a differença da posição dos personagens que discutem.

De uma vez são uns os paes tyrannos e outros as donzellas puras e sofredoras e vice-versa, de modo que não sabemos que mais admirar, se o povo que os elege, se os eleitos que assim tambem o sabem representar.

Mas para que insistirmos n'este ponto cuja veracidade é geralmente reconhecida, e tão reconhecida que d'ella vem a indifferença politica que nos abate e desanima, deixando livre a politica para os que a exploram em seu proveito, sem se importarem com o proveito da nação.

Uma proposta apresentada na camara dos deputados pelo sr. Eduardo de Abreu, fez um certo escandalo, pelo assombro e espanto que produzio no seio do parlamento.

Propoz o sr. Eduardo de Abreu:

«1.º Aos deputados que não estiverem presentes á abertura da sessão será imposta a multa de metade do subsidio diario.

2.º Os deputados que faltarem a todas as sessões, e não justificarem a falta, perdem o direito ao subsidio d'esse dia.»

Então o sr. Eduardo de Abreu queria a camara quasi de graça?

Isso não podia ser e tanto não podia ser, que a mesma camara nem sequer admittiu a proposta á discussão.

O sr. Eduardo de Abreu parece que veio da Lua, ou de algum paiz exquisito.

Nós reportamo-nos á célebre pergunta do bispo da Guarda.

— Quem é que n'este paiz cumpre a lei?

Ainda ninguem respondeu a isto.

E emquanto o parlamento nos não dá assumpto para mais, vejamos o que se passa fóra d'elle, na imprensa politica.

N'esta appareceu um caso curioso, que o foi buscar ao orçamento rectificado. N'este documento official lê-se uma verba de 40:000$000 réis de beneficencia para acudir aos desgraçados atacados de *influenza* no ultimo inverno em Lisboa.

Esta verba levantou reparos, porque não constava que o governo tivesse intervido n'esta obra de caridade.

Entretanto o caso explicou-se da seguinte forma:

O *Jornal do Commercio* abriu uma subscripção, como todos sabem, para acudir aos desgraçados atacados pela epidemia, resgatando-lhes as roupas e camas que tivessem empenhadas, etc.

Essa subscripção attingio uns treze contos de reis, mas ao mesmo tempo que a subscripção se fazia e os socorros se destribuiam, o governo auctorisava particularmente o sr. conde de Burnay, proprietario do *Jornal do Commercio* para alargar aquelles soccorros até onde fosse preciso, de modo que não só se desempenhassem as roupas e camas mas tambem o fato de uso, mobilia e ferramentas.

Com esta latitude o gasto elevou-se a uns sessenta contos, sendo treze da subscripção, sete do do sr. conde de Burnay e o resto para ser pago pelo governo.

Isto que é ainda da responsabilidade do governo progressista só agora se soube e d'ahi nasceu a estranheza, o espanto, por o governo mandar fazer beneficencia por um particular, tendo as repartições officiaes e auctoridades administrativas a quem devia encarregar esta missão caridosa.

E' que d'esta vez o governo queria seguir o preceito do Evangelho: Quando deres uma esmola com a mão direita, fal-o de modo que a esquerda o não saiba.

E vae d'ahi o sr. Carrilho não pôde attender á santa intenção evangelica do governo e transformou-a em philantropia.

Ora ahi está.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

A MEMORIA DE ROBERTO DUARTE DA SILVA.— No dia 24 de abril foi inaugurado no cemiterio de Mont-Parnasse, em Paris um mausoleu para guardar os restos do professor de chimica Roberto Duarte da Silva, que falleceu n'aquella cidade em 9 de fevereiro de 1889 e de que o OCCIDENTE publicou o retrato e algumas notas biographicas a paginas 57 e 58 do XII volume.

O monumento funebre compõe-se de uma pyramide de marmore rosado tendo em uma das faces um medalhão de bronze com o busto de Duarte da Silva e em volta esta inscripção: *A Roberto Duarte da Silva, os seus alumnos os seus collegas e a Sociedade Chimica de Paris.*

Esta justa homenagem prestada por extrangeiros ao talentoso professor nosso compatriota, é extremamente honrosa para todos os portuguezes.

EDITOR RESPONSAVEL. — *Caetano Alberto da Silva.*

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43